

MANUAIS ESCOLARES PARA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS EM ANGOLA E A INFLUÊNCIA DE PAULO FREIRE

ADULT LITERACY TEXTBOOKS IN ANGOLA AND THE INFLUENCE OF PAULO FREIRE

Francisca Izabel Pereira Maciel¹
<https://orcid.org/0000-0003-4751-2890>

Juliano Guerra Rocha²
<https://orcid.org/0000-0001-7101-0116>

Resumo:

Angola esteve sob a égide do colonialismo português até 1975, após 14 anos de guerra e vitória do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que tinha inspiração no pensamento marxista-leninista. O elevado número de analfabetos do país era uma preocupação entre os “camaradas” do movimento. Diante disso, observaram a necessidade de produção de materiais didáticos direcionados ao ensino de leitura e escrita, bem como de formação pedagógica para os alfabetizadores, condizentes com os princípios de uma alfabetização conscientizadora. Logo, o objetivo deste artigo é analisar os manuais escolares de alfabetização de adultos, de Angola, tendo como objeto de estudo o *Manual de Alfabetização* e o *Guia do Alfabetizador* da coletânea *A vitória é certa*, observando as influências do pensamento freireano nesses materiais. Esses livros foram organizados e produzidos por integrantes e militantes do Centro de Estudos Africanos (CEA) e do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), nos anos de 1960, sendo reeditados nos anos seguintes, nos períodos pré e pós-independência. O trabalho se ancorou numa pesquisa documental e bibliográfica, cuja documentação foi inventariada no Acervo Digital da Associação Tchiveka de Documentação, de Angola, e na Biblioteca digital das Memórias de África e do Oriente, da Universidade de Aveiro, Fundação Portugal-África. O estudo bibliográfico baseou-se, especialmente nas obras de Paulo Freire e de pesquisadores/as da história política e educacional de países africanos. A análise empreendida confirmou as influências de Freire na proposta de alfabetização angolana, sobretudo no *Guia do Alfabetizador*, como um material que objetivava uma alfabetização consciente e emancipatória.

Palavras-chave: Angola; países africanos; manuais de alfabetização de adultos; Paulo Freire.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/Minas Gerais, Brasil.

² Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/Minas Gerais, Brasil.

Abstract:

Angola was under the aegis of Portuguese colonialism until 1975, following a 14-year war and the victory of the Popular Movement for the Liberation of Angola (MPLA), inspired by Marxist-Leninist thought. The high number of illiterates in the country concerned “comrades” of the movement. In view of this, they noticed the need to produce didactic materials for teaching reading and writing, as well as pedagogical training for literacy teachers, in accordance with the principles of a conscientizing literacy. Therefore, the objective of this article is to analyze the adult literacy teaching manuals of Angola, specifically the *Literacy Manual* and the *Literacy Guide* of the collection *A vitória é certa*, and to observe the influences of Freirean thought in such materials. These books were organized and produced in the 1960s by members and militants of the Center for African Studies (CEA) and the Popular Movement for the Liberation of Angola (MPLA), and were reissued in the years that followed, both before and after independence. The work was anchored on documental and bibliographical research, whose documentation was inventoried in the Angolan Digital Archive of the Tchiveka Documentation Association, and in the Digital Library of Memories of Africa and, of the East, the University of Aveiro, Portugal-Africa Foundation. The bibliographical study was based, essentially, on the works of Paulo Freire and political and educational historians of African countries. The analysis confirmed Freire's influences on the Angolan literacy proposal, particularly the *Literacy Guide*, as material aimed at conscious and emancipatory literacy.

Keywords: Angola; African countries; adult literacy manuals; Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

Em uma perspectiva histórica, nos estudos sobre a alfabetização em países de língua portuguesa, o livro escolar tem ocupado lugar de destaque, principalmente entre investigadores(as) brasileiros(as). Em geral, os livros são tomados como objeto de estudos e fonte para a historiografia do ensino inicial de leitura e escrita (FRADE, MACIEL, 2006; FRADE, SCHWARTZ, PERES, 2010; MORTATTI, FRADE, 2014; SANTOS, ROCHA, 2016; CARDOSO *et al.*, 2022). Compreendemos que os livros escolares podem captar aspectos da cultura escolar de um tempo, de modo que pesquisá-los “é também contribuir para fazer a arqueologia das práticas escolares por meio dos materiais que compuseram o trabalho pedagógico desenvolvido na escola ao longo do tempo” (CORRÊA, 2000, p. 20). Embora neste trabalho não nos deteremos aos usos dos livros, há que se lembrar de que, conforme Bertoletti e Silva (2016) apontaram, o livro escolar é produto de uma época e cada escola cria seus mecanismos para apropriá-los nas práticas cotidianas.

Nesse sentido, é importante ressaltar o que Choppin (2004) nos alertou ao realizar uma pesquisa sobre o estado da arte da história do livro e das edições didáticas. O autor expõe sobre a dimensão transnacional na composição de uma literatura didática. A partir disso, observamos que, em países que estiveram sob a égide de um imperialismo, a exemplo dos países africanos, compreender as marcas do colonizador na história desse povo é perceber o que foi imposto no modelo escolar e na constituição de uma identidade cultural. Os livros escolares conseguem, de certa forma, captar esse aspecto, já que, segundo Choppin (2004), eles têm quatro funções essenciais: referencial, instrumental, ideológica e cultural, e documental. Ademais, “o livro didático não é, no entanto, o único instrumento que faz parte da educação da juventude”, logo, embora ele capture aspectos da cultura escolar, há que se destacar que ele é uma das faces desse

universo mais amplo, que convive com outros materiais didáticos, práticas e agentes educativos (CHOPPIN, 2004, p. 553).

Mais especificamente, quando olhamos para a produção acadêmica sobre a alfabetização numa faceta histórica, notamos que os manuais escolares, sejam eles direcionados aos alunos ou professores, constituíram-se objetos de variadas pesquisas que investigaram, sobretudo, aspectos concernentes à materialidade da obra e seu uso, difusão e circulação. Mais comumente, no Brasil, na tradição escolar, esses manuais foram reconhecidos e nomeados como “cartilha”, “livro de leitura”, “primeiro livro” e “livro didático” (para uso dos estudantes), e como “livros para o professor” e/ou “manuais didáticos” (para uso dos professores) etc. Na literatura internacional, a terminologia mais usual é “manuais escolares”.

Em trabalhos anteriores, já apontamos que os manuais escolares foram, ao longo da história, elementos importantes para a formação dos alfabetizadores, pois orientavam sua prática pedagógica, institucionalizando o método defendido pelo autor e pelo seu livro. “[...] As Cartilhas se transformaram em livros de formação docente, ou seja, na ausência de cursos de formação e/ou de Manuais específicos de metodologias de ensino, os docentes lançavam mão das orientações para o uso das Cartilhas para subsidiar suas práticas” (MACIEL; GOULART; ROCHA, 2020, p. 53).

Dessa maneira, a proposta deste texto apresenta como principais motivações: a proximidade entre as nossas investigações sobre manuais escolares para o ensino de leitura e escrita; nossa afinidade com o pensamento freireano e atuação no campo da alfabetização de jovens e adultos. Há que se destacar a participação de Maciel³, uma das autoras deste texto, em projetos de formação de alfabetizadores de jovens e adultos em países africanos – Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Nos países africanos de colonização portuguesa, no contexto de independência e no pós-independência, especialmente a partir dos anos de 1970, houve movimentos para se reerguerem após vários anos de luta, situação em que se encontrava a Angola, um país bem fragilizado em consequência da guerra iniciada em 1961 até sua independência em 11 de novembro de 1975. Logo após a independência, diante de vários problemas, com o apoio do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), António Agostinho Neto (1975-1979) assumiu como o primeiro Presidente de Angola.

A carência de quadros técnicos para as diferentes demandas dos setores, visando a retomada da produtividade do país era sentida em todos os segmentos. Em discurso, Agostinho Neto explicitou: “o colonialismo deixou-nos uma herança bem pesada, uma herança que nós só apagaremos daqui a dezenas de anos, mas podemos pelo nosso esforço ir diminuindo as consequências do colonialismo” (AGOSTINHO NETO, 1976).

O país apresentava altos índices de analfabetismo e desde o período em que lutava pela independência, o Centro de Estudos Africanos (CEA) e os membros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) já tinham a preocupação de enfrentar esse problema de base. O

³ Maciel atuou como representante da Universidade Federal de Minas Gerais, junto à ONG – Alfabetização Solidária, e como formadora de coordenadores de alfabetização de Jovens e Adultos em Cabo Verde (2006) e em São Tomé e Príncipe (2006-2012). No período de 2013-2017, coordenou o projeto de mobilidade Capes/Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP).

movimento em prol da educação tornou-se crucial e se intensificou naquele contexto, razão pela qual o Presidente convocou a todos na mobilização da Campanha de Alfabetização em Angola. O dia 22 de novembro de 1976 marcou o início da Campanha e, em seu discurso inaugural, o Presidente António Agostinho Neto afirmou:

Não pode haver uma boa produção se não houver quadros, se não houver técnicos, e não pode haver técnicos se não houver trabalhadores que saibam ler e escrever. A grande maioria do nosso povo é analfabeta. Estima-se em 85%, em cada 100 homens. 85 não sabem ler nem escrever. Isto é uma desgraça para um país que está a pretender desenvolver-se, quer dizer que o homem que não sabe ler nem escrever não pode de maneira nenhuma ser um bom técnico, ser um bom quadro, porque não pode estudar por si próprio. Não pode ler nem um jornal, não pode ler um livro, não compreende muita coisa daquilo que se passa no mundo, não aprende a técnica, precisa portanto de aprender a ler e escrever (AGOSTINHO NETO, 1976).

Pelos discursos políticos do período, observamos que, numa população majoritariamente analfabeta, a alfabetização possibilitava a autonomia ao angolano para estudar por si próprio, tornar-se mais qualificado e produtivo, assumindo seu compromisso revolucionário e contribuindo para isso. Alfabetizado, poderia usufruir dos usos e funções da leitura de um jornal, livro, tomar conhecimento sobre acontecimentos mundiais. Destarte, os movimentos em torno de uma alfabetização “descolonizada” ganham destaque nas propostas de formação de alfabetizadores e nas produções de manuais adequados para o contexto em Angola. Havia a necessidade premente de produção de manuais de alfabetização em larga escala para atingir todo o país, tanto para alfabetizando quanto para alfabetizadores, de modo a garantir o aprendizado e a continuidade do princípio marxista-leninista defendido pelo MPLA.

Inventariando os livros de alfabetização produzidos no contexto de independência e pós-independência da Angola, consultamos o Acervo de “Livros e Manuais Escolares” da Biblioteca digital das Memórias de África e do Oriente, da Universidade de Aveiro, Fundação Portugal-África⁴. Logo, observamos que, entre as obras de países africanos, cuja língua oficial é a língua portuguesa, há um destaque para dois livros produzidos em Angola, ambos sob o título *A vitória é certa*. O que os diferencia é que um livro destina-se, exclusivamente, aos alfabetizadores, tendo como subtítulo *Guia do Alfabetizador* (MEC/RPA s.d.)⁵, e o outro, aos alfabetizando, intitulado de *Manual de Alfabetização* (MEC/RPA, 1980). Nos exemplares consultados, observaram-se edições produzidas pelo Ministério da Educação e Cultura da República Popular de Angola. Embora o primeiro não tenha o ano de publicação e o segundo seja datado de 1980, levantamos a hipótese de que se trata de edições, se não do mesmo ano, de períodos próximos, devido às suas aproximações nos aspectos editoriais, ambos produzidos e/ou adaptados para o período pós-independência.

Em busca da história desses manuais, realizamos uma pesquisa no Acervo Digital da Associação Tchiveka de Documentação (ATD), instituição cujo objetivo é preservar a “memória e aprofundar o conhecimento da luta do Povo Angolano pela sua independência e soberania nacional”⁶. As fontes consultadas evidenciaram que as obras tratam de publicações organizadas e

⁴ Disponível em: <<http://memoria-africa.ua.pt/Library.aspx>>. Acesso em: outubro de 2022.

⁵ Para identificar e referenciar o *Manual de Alfabetização* e o *Guia do Alfabetizador* de *A vitória é certa*, editadas pelo Ministério da Educação e Cultura da República Popular de Angola, usaremos a sigla: MEC/RPA.

⁶ Disponível em: <<https://www.tchiveka.org/o-que-e-atd>>. Acesso em: outubro de 2022.

produzidas por integrantes e militantes do Centro de Estudos Africanos (CEA) e do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), nos anos de 1960. Em uma carta dos membros do CEA, dirigida ao Comitê Diretor do MPLA, informa que esses citados livros dirigidos ao alfabetizando e ao alfabetizador foram elaborados em “meados de 1965, a pedido do movimento”, com uma pequena tiragem e de forma artesanal (mimeografados). Posteriormente, são aperfeiçoados, tendo uma nova edição em 1968. “O manual foi concebido para alfabetização de adultos, sobretudo de camaradas que passariam nas escolas politizadas do Movimento” (CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS, CEA, 13 de fevereiro de 1969, p. 1). Nas primeiras edições seu título era Vitória ou morte; posteriormente, A vitória é certa. Cabe esclarecer que nas fontes consultadas, especialmente a partir da década de 1970-80 e na folha de rosto do Manual de Alfabetização, de 1980, aparece título e subtítulo: A vitória é certa: a luta continua.

Bonifácio (2020), ao realizar uma análise discursiva sobre alguns conceitos presentes nesses livros, a partir das fontes de que dispunha e analisando entrevista com o escritor angolano Pepetela⁷, afirma que os manuais foram escritos por este, o que não podemos negligenciar, já que foi um participante ativo nos movimentos de libertação da Angola. Entretanto, nas edições consultadas até então, não havia menção a nomes de pessoas. A autoria indicada nas capas e contracapas estava atrelada aos órgãos responsáveis pela produção e distribuição dos livros. Além disso, Bonifácio (2020) também explicita que:

[...] Esse manual foi [...] reeditado em 1970, pela Lerici Editore, da Itália, e em 1974, pela Secção Cultural da Associação da Faculdade de Letras do Porto. Nestas edições, as lições giravam em torno do enfrentamento do colonialismo e do imperialismo, instigando o senso de unidade dos angolanos contra os inimigos. Em 1980, já no contexto pós-independência, o Manual de Alfabetização “A Vitória é Certa” foi reeditado, sob a responsabilidade do Ministério da Educação, espalhando-se por todo o país. (BONIFÁCIO, 2020, p. 137).

Ao fazermos uma primeira análise sobre o conteúdo e os ideários dessas obras, notamos que tiveram uma forte influência do pensamento de Paulo Freire. A atuação desse educador a partir da década de 60, do século XX, foi marcante no campo da alfabetização em vários países, em especial, em países africanos, ex-colônias de Portugal. Dessa maneira, este artigo tem como principal objetivo analisar as influências do pensamento freireano nos manuais escolares de alfabetização de adultos, especificamente em Angola, tendo como objeto de estudos o *Manual de Alfabetização* e o *Guia do Alfabetizador* da coletânea *A vitória é certa*.

Neste trabalho, optamos por analisar os livros editados na década de 1980 por se tratarem de publicações produzidas e utilizadas no período pós-independência. Como já mencionado, são os exemplares com edição assumida pelo recém-criado Ministério da Educação e Cultura da República Popular de Angola, com o apoio do MPLA (MEC/RPA, s.d., 1980).

PAULO FREIRE E SUAS APROXIMAÇÕES COM OS PAÍSES AFRICANOS

A vida e a obra de Paulo Freire trazem as marcas de suas experiências com países africanos de língua portuguesa, assim como as influências de sua proposta de alfabetização, desde as

⁷ Pseudônimo assumido pelo escritor; seu nome é Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos.

primeiras experiências em Pernambuco, na década de 60, do século XX, que atravessavam o oceano Atlântico.

No Acervo da Associação Tchiweka de Documentação, identificamos uma Carta do Centro de Estudos Angolanos, datada de 02 de maio de 1969, endereçada a Rui de Sá, pseudônimo Dibala, “camarada” que estava em “Brazzaville, República do Congo”, elogiando e explicando a proposta do “Método Paulo Freyre” (*sic*). Na Carta, fazem uma clara explanação sobre a importância das “palavras-chave contendo um forte poder emocional junto de um determinado grupo social a alfabetizar”. Essas palavras-chave fazem parte da proposta metodológica de alfabetização de Freire, de modo que, na carta, destacam que elas são compostas a partir do cotidiano, desde que sugerissem forte apelo político, acompanhadas de desenhos que pudessem evocar a palavra, ao mesmo tempo ampliar as discussões políticas, ideológicas e o ideário revolucionário com os desenhos que acompanhariam as lições (CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS, CEA, 02 de maio de 1969).

Esse documento demonstra a contemporaneidade dos conhecimentos e da atuação de Paulo Freire, especialmente sua experiência em Angicos, sertão de Pernambuco, e o alcance de seus ideários em países africanos. O conteúdo dessa carta demonstra também que a concepção freireana provocou alterações nas propostas metodológicas e nas novas produções de manuais/cartilhas para alfabetização em países africanos, durante a revolução e no pós-independência como ex-colônias de Portugal. Essas afinidades metodológicas e ideológicas serão estreitadas durante o período de exílio de Freire (1964-1980) e com a publicação de seu livro *Pedagogia do Oprimido*, em 1968.

Como exilado, Paulo Freire colaborou na elaboração de programas de alfabetização e de formação de alfabetizadores em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola, Guiné-Bissau. A aproximação entre o pensamento freireano e os movimentos de independência de países africanos residiam justamente na crítica ao modelo opressivo, imposto pelo colonizador e pelo capitalismo. Freire defendia que, para lutar contra essa opressão, era necessário promover uma alfabetização conscientizadora, caminho a ser trilhado por todos, e razão pela qual foi preso no Brasil, em 1964, e, posteriormente, exilado.

Dentro desses ideais, Freire em *Pedagogia da Autonomia* (1996, p. 39) reafirma “não junto a minha voz a dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação”, o que já era defendido desde o início de sua atuação no Brasil, explícito no livro *Pedagogia do Oprimido* (1987). Para Freire (1987, p. 22), a pedagogia do oprimido “é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, que tem suas raízes contra os opressores, e é necessário que os próprios oprimidos saibam ou comecem criticamente a saber-se como oprimidos”. E vai mais além, “o importante, por isto mesmo, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo – não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se” (FREIRE, 1987, p. 24).

Esses pressupostos marcam a proposta de alfabetização de Freire, na medida em que a alfabetização, para ele, “não é um jogo de palavras; é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos” (FREIRE, 1985, p. 14). Soares (2003), ao analisar os encaminhamentos metodológicos de alfabetização de adultos propostos por Paulo Freire, adverte que há um projeto de educação defendido pelo autor, que está muito além da questão de ensinar a ler e a escrever no sentido estrito dos termos. Maciel (2014)

explicita a dialogicidade dessa proposta, ressaltando que a alfabetização defendida por Freire estaria muito mais numa construção coletiva, própria de cada localidade.

E, no caso específico de Angola, encontramos no Fundo Arquivo Lúcio Lara da Associação Tchiweka de Documentação, além da citada carta, documentos de integrantes do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), fazendo referências e com menção à influência do “método de Paulo Freire”⁸ para a organização de materiais didáticos e princípios para a Campanha Nacional de Alfabetização de Angola. Entre eles, destacamos um documento de 03 de janeiro de 1973, de 6 páginas datilografadas, sob o título de “Alfabetização”. Nesse documento é apresentada uma proposta metodológica, especificando:

O nosso trabalho é baseado no método Paulo Freire.

– substituição do anti-diálogo, vertical, paternalista, arrogante, desamoroso, entre professor e aluno, pelo diálogo horizontal, de simpatia, de amor, de criação, entre duas pessoas – dois que aprendem em conjunto.

GARANTIA DESTE MÉTODO – 300 trabalhadores brasileiros alfabetizados em 45 dias. Outros sucessos espetaculares. (ALFABETIZAÇÃO, 03 de janeiro de 1973, p. 1).

O documento também explicita que as recompensas imediatas do “método de Freire”, além de elevar o número de pessoas alfabetizadas, eram uma experiência impulsionadora e efetiva de uma educação promovida coletivamente. Ao mesmo tempo em que destacava o sucesso do “método”, apontava como um dos problemas criar, entre os colaboradores, um espírito de diálogo horizontal entre alfabetizador e alfabetizados. Em consonância a essa ideia, Freire (1996) defende:

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo. [...] não posso, se realmente progressista, impôr-lhes arrogantemente o meu saber como o verdadeiro. O diálogo em que se vai desafiando o grupo popular a pensar sua história social, como a experiência igualmente social de seus membros, vai revelando a necessidade de superar certos saberes que, desnudados, vão mostrando sua “incompetência” para explicar os fatos. (FREIRE, 1996, p. 32).

O documento descreve a metodologia e apresenta as palavras geradoras, a execução da proposta: “nós usaremos 21 palavras geradoras, extraídas da adaptação que Agostinho da Silva e Lindley Cintra (*sic*) fizeram a Paulo Freire” (ALFABETIZAÇÃO, 03 de janeiro de 1973, p. 2-3). As palavras geradoras foram adaptadas por Agostinho da Silva e Lindley Cintra, dois filólogos portugueses: George Agostinho Baptista da Silva e Luís Filipe Lindley Cintra. Não encontramos outros documentos referenciando os filólogos, entretanto, nos chama a atenção o fato de que Lindley Cintra, conforme Cavalcanti (2022) explicita, “dirigiu cursos de formação com base nas ideias e no “Método” de Paulo Freire, elaborando, para o efeito, um manual intitulado: “Resumo do método de Paulo Freire e sua aplicação prática em Portugal”, com 20 palavras geradoras que nortearam o Movimento Alfa (Movimento de Alfabetização) até 1976” (CAVALCANTI, 2022, p.

⁸ Soares (2003) e Maciel (2014) afirmam que Paulo Freire não criou um “método de alfabetização”, a partir do que o próprio Paulo Freire explicitou a respeito de sua proposta didática de alfabetização de adultos. Temos compreendido, em consonância com Soares (2003), que seus encaminhamentos metodológicos não podem ser reduzidos a um “método de alfabetização”. Entretanto, em diálogo com as fontes consultadas, utilizaremos tal terminologia, advertindo os(as) leitores(as) sobre esse emprego.

158). Aqui fica uma indagação e uma surpresa: o encontro freireano entre portugueses e angolanos, colonizadores e ex-colonizados, compartilhando do “método de Paulo Freire”.

Cotejando as fontes inventariadas e outros dados sobre a vida de Paulo Freire, o citado documento de 6 páginas, de título “Alfabetização”, foi escrito antes de Paulo Freire atuar como Assessor do Ministério de Educação da República Popular de Angola, que tinha como Vice-Ministro Pepetela, e o primeiro Presidente do MPLA, António Agostinho Neto. Entretanto, podemos afirmar que as relações entre Paulo Freire e Pepetela foram alargadas no período em que o escritor Pepetela atuou no Ministério da Educação, de 1976 a 1982. Em entrevista à *Revista Nova Escola*, em abril de 2015, Pepetela assim se refere a Paulo Freire: “Ele foi um grande companheiro, um grande amigo, um grande professor. Nosso mestre” (PEPETELA, 2015). A fotografia abaixo comprova esse companheirismo.

Figura 1 – Foto de Paulo Freire em Angola, agosto de 1976 (da esquerda para direita, Pepetela, Paulo Freire ... outros não identificados)



Fonte: <<http://www.elfikurten.com.br/2015/05/pepetela.html>>. Acesso em: outubro de 2022.

Figueiredo (2022) realizou uma extensa investigação nos Jornais de Angola no período pós-independência e relata a atuação de Freire como Assessor do Ministério da Educação, que realizou reuniões no país, e sendo o “principal palestrante em um colóquio sobre “Cultura e Revolução”, organizado pela União dos Escritores Angolanos em Luanda”, em que explicou seu “método de alfabetização” para mais de duzentas pessoas (FIGUEIREDO, 2022, p. 9).

A parceria e as afinidades político-ideológicas entre Freire e as autoridades angolanas possibilitaram a divulgação dos seus princípios pelo país, para além de sua proposta de alfabetização, pois já estava em curso o uso da cartilha *A vitória é certa*, utilizada pelos revolucionários angolanos, baseada na cartilha *¡Venceremos!*⁹, distribuída na Campanha Nacional de Alfabetização em Cuba, em 1961 (FIGUEIREDO, 2022).

Sobre as relações entre Cuba e Angola, Bonifácio (2020) retoma a análise de Hatzky (2015), mencionando que o:

[...] sucesso cubano na modernização do seu sistema de ensino apontou o caminho para o planejamento e a elaboração da reforma educacional de Angola. Nesse contexto, a cooperação entre os dois países também se assentava em um

⁹ Sobre o método cubano de alfabetização e a cartilha *¡Venceremos!*, ver Melo, Amaral e Colombo (2022).

consenso político de que Angola deveria adotar métodos cubanos e sua ideologia subjacente. (BONIFÁCIO, 2020, p. 134).

No contexto dos movimentos de independência de Angola e devido ao alto índice de analfabetos no país, houve a necessidade de produção de manuais para auxiliar os alfabetizadores em suas tarefas. Na citada carta expedida pelo Centro de Estudos Angolanos (CEA, 02 de maio de 1969), é explicitado que o “manual de alfabetização” e o “guia do alfabetizador” produzidos por esse órgão foram elaborados em 1965 e depois ajustados a partir de experiências dos alfabetizadores. A carta também evidencia a cooperação de Cuba em Angola: “quando nos foi pedido o Manual, começamos a fazê-lo, utilizando o método cubano, que era aquele que as melhores provas tinha dado. Porém, quando estávamos no fim do trabalho, tivemos conhecimentos do método Paulo Freyre” (CEA, 02 de maio de 1969, p. 2).

Dessa forma, embora na carta não haja menção ao título dos livros, compreendemos que se trata da coletânea *A vitória é certa*, objeto desta pesquisa. A urgência em alfabetizar a população angolana usando apenas o método freireano demandaria investimento e um tempo para que pudessem realizar “o levantamento linguístico e sociológico das diferentes regiões ou grupos sociais a alfabetizar. Não estamos ainda em medida de o fazer”, conforme descrito na carta (CEA, 02 de maio de 1969, p. 2). O documento ainda especifica que, como já se encontravam em processo de produção dos livros para alfabetização e sem tempo hábil de realizar tais mudanças, optaram por aproveitar desse método aquilo que “seria possível de obter” (CEA, 02 de maio de 1969, p. 2).

A VITÓRIA É CERTA E O PENSAMENTO FREIREANO

Figura 2 – *A vitória é certa*
Manual de Alfabetização (MEC/RPA, 1980)

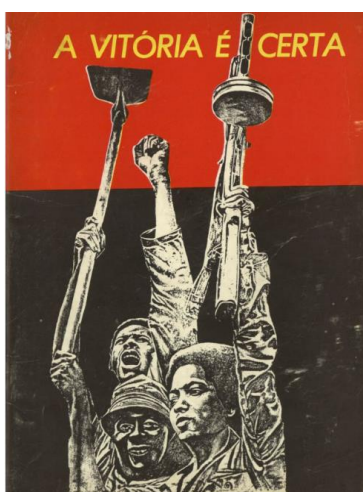
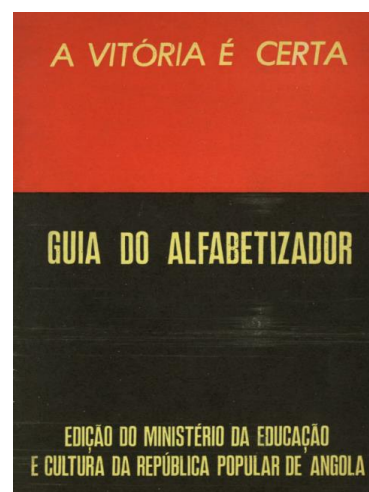


Figura 3 – *A vitória é certa*
Guia do Alfabetizador (MEC/RPA, s.d.)



Fonte das figuras 1 e 2: Biblioteca digital das Memórias de África e do Oriente, Universidade de Aveiro, Fundação Portugal-África.

Como podemos ver, as capas das edições analisadas são coloridas de três cores (preto, vermelho e amarelo), o que remonta à bandeira nacional de Angola. O destaque à bandeira também está presente na cartilha cubana *¡Venceremos!*, ressaltando os símbolos nacionais, próprios de uma nação que está se emancipando politicamente (MELO; AMARAL; COLOMBO, 2022). É emblemática a ilustração da capa do *Manual de Alfabetização*, destinado aos alfabetizandos, que contém uma mulher empunhando uma arma, um homem com uma enxada e um jovem com a mão

erguida. Estaria o jovem comemorando a independência? Ou seria um chamamento para continuar a luta e conquistar, de fato e de direito, a liberdade? Assim também a mulher que, empunhando um rifle, sugeria continuar combatendo os inimigos que persistiam, mesmo após a independência? E, para persistir e continuar na certeza da vitória, a luta contra o analfabetismo, o aprender a ler e a escrever, era, sim, uma arma poderosa contra os inimigos, ainda mais se a proposta consistia de uma alfabetização conscientizadora.

O livro do alfabetizando, o *Manual de Alfabetização*, tem 81 páginas, dispostas em 33 lições numeradas e ilustradas exemplarmente com fotografias em preto e branco, de acordo com a frase ou com o pequeno texto a ser trabalhado. Verifica-se um cuidado na escolha das imagens, das frases e das palavras-chave contextualizadas, que vão crescendo em grau de complexidade da língua portuguesa (MEC/RPA, 1980). O estudo de Bonifácio (2020) apresentou uma análise discursiva de todas as lições e as categorizou em três eixos: a formação de uma nação angolana, a produtividade e as riquezas do país, e o homem novo para uma nova nação. O primeiro eixo predomina e está presente em 18 das 33 lições.

Diferentemente da grande maioria de cartilhas e manuais para o ensino da leitura, não há, no início, uma carta ou um texto endereçado aos alfabetizandos. Inicia-se com o desenho do mapa do continente africano, com destaque para a localização de Angola. E, nas cinco páginas seguintes, fotos em preto e branco, sempre destacando, no final da página, uma palavra/legenda: “PRODUÇÃO”, um homem trabalhando com a enxada; “SAÚDE”, um médico e um paciente; “DEFESA”, canhões e soldados marchando; “EDUCAÇÃO”, mulheres e homens adultos estudando; “RIQUEZAS DE ANGOLA”, fotos de minerais, plantações, madeiras e mineiros.

Iniciam-se as 33 lições com uma estrutura organizacional e metodológica, que se repete ao longo de todas as lições, facilitando, de certo modo, o trabalho do alfabetizador e do alfabetizando ao desenvolver as cinco etapas/atividades para cada lição a ser aprendida.

Figura 4 – Páginas 23 e 24 do livro *A vitória é certa, Manual de Alfabetização* (MEC/RPA, 1980)

LIÇÃO 8

Vamos ler:

O poder pertence às classes operária e camponesa

operária	o	pe	ra	ri	o	ra
ra	re	ri	ro	ru		
re	ra	ri	ro	ru		
ri	ro	ru	ra	re		
ro	ra	re	ri	ru		
ru	ra	re	ri	ro		
ra	re	ri	ro	ru		

2. Vamos ler:

vara	arela	vitória
tira	vira	Europa
duro	parede	darel

3. Vamos ler sózinhos:

A vitória é do povo

4. Vamos copiar:

Ra Re Ri Ro Ru

ra re ri ro ru

A vitória é do novo

5. Ditado:

Fonte: Biblioteca digital das Memórias de África e do Oriente, Universidade de Aveiro, Fundação Portugal-África.

Como podemos observar nas imagens da oitava lição do *Manual*, a seção “Vamos ler” trazia, ao longo do livro, uma ou mais frases simples, em sintonia com as imagens compondo a lição de modo contextualizado. Nessa seção, destacavam-se as “famílias silábicas”, evidenciadas na frase ou nas palavras que encabeçavam as lições. Na segunda etapa, também intitulada de “Vamos ler”, havia algumas palavras formadas com as sílabas aprendidas. Na sequência, a seção “Vamos ler sozinho” evidenciava uma frase ou pequenos textos, compostos com as palavras da seção anterior. A quarta seção, cujo título era “Vamos copiar”, enfatizava a escrita em letra cursiva. A última etapa era o “Ditado”.¹⁰

Diferente das atividades do item “Vamos ler”, há no livro quatro seções com o título de “Leitura”, compostas de textos, que vão aumentando em extensão e complexidade.

Figura 5 – Página 60 do livro *A vitória é certa, Manual de Alfabetização* (MEC/RPA, 1980)
Leitura 3

O imperialismo escolheu lacaos para tentar enganar o povo e continuar a roubar Angola. Deu-lhes dinheiro e armas mas o povo vigilante viu as mentiras e desconfiou. Eles fizeram mal a Angola e muita gente morreu na guerra.

O imperialismo é como o camaleão, às vezes está escondido aos olhos do povo e muda de cor para enganar melhor.

Temos um país rico: a terra é boa, há muito gado, os rios têm água, nas minas há ferro, diamantes, etc.

Mas para um Povo estar realmente independente, não basta ter um governo, uma bandeira e um hino.

Deve tomar conta da economia, estudar mais, estar organizado.

Ter o poder não é cada um fazer o que gosta e mais nada. Não. É todos fazerem o melhor para todo o povo, para termos hospitais, médicos, escolas, casas, etc., é ter uma vida melhor.

Fonte: Biblioteca digital das Memórias de África e do Oriente, Universidade de Aveiro, Fundação Portugal-África.

As leituras e as lições presentes na cartilha consolidam uma proposta de pedagogia revolucionária, cujos objetivos eram superar a contradição do opressor e oprimido, com o convencimento do povo para que se engajem na luta pela libertação. Assim como está presente no *Manual de Alfabetização* (MEC/RPA, 1980), as lições buscam conscientizar o alfabetizando da necessidade de lideranças no movimento: “O MPLA é o guia do povo Angolano” (Lição 12, p. 32); “O MPLA dirige a luta pelo poder popular” (Lição 15, p. 38), juntamente com a vigilância do povo angolano contra seus inimigos; “O país precisa de ti” (Lição 6, p. 18) e “Viva o MPLA” (Lição 4, p. 14). Como visto, as lições e os textos de leitura vêm reforçar o teor político e informativo sobre o movimento revolucionário, a necessidade de continuar a luta. Mesmo após a independência de Angola reconhecida em 1975, o MPLA e o Presidente combatiam os movimentos rebeldes contrários à independência política do país.

¹⁰ Há que se destacar que observamos semelhanças entre essa organização e a proposta da cartilha cubana *Venceremos!*, cujo aspecto não é o foco deste texto. Percebemos aproximações quanto à organização das etapas das lições, do método com ênfase silábica, dos textos e das imagens com cunho político.

Esse contexto explica a proposta política e ideológica da Campanha Nacional de Alfabetização em Angola em propiciar aos analfabetos os conhecimentos da língua, das potencialidades e riquezas do país e, assim, lutar por uma sociedade igualitária, unida e livre das amarras do colonizador, objetivos defendidos pelo MPLA. Esse cenário e os textos anteriores nos remetem a Freire (1987, p. 17), quando este diz: “a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores”. E atenta os oprimidos sobre os grandes perigos: “os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça” (FREIRE, 1987, p. 17).

As lições encerram com a publicação do hino nacional da Angola, para “ser aprendido, lendo e cantando e uma poesia para exercitar a memória e como manifestação da Cultura” (MEC/RPA, s.d., p. 8). Logo após, há a transcrição do poema “Criar”, de António Agostinho Neto, e, por fim, sua fotografia em preto e branco.

A metodologia empregada no processo de alfabetização do povo angolano fica mais evidente ao analisarmos o *Guia do Alfabetizador* (MEC/RPA, s.d.), publicação que acompanha o *Manual de Alfabetização*, sendo direcionada ao alfabetizador. O índice desse livro já esquematiza toda a sua proposta, constituindo uma tentativa de direção, com indicações úteis e orientações detalhadas para garantir o uso do *Manual* e um ensino prático da leitura e da escrita. E tudo isso com muita urgência: formar o alfabetizador para ensinar a leitura e a escrita à população angolana, dentro de uma ideologia nacionalista e revolucionária.

O *Guia do Alfabetizador* tem uma maior densidade político-ideológica em todos os textos, desde a apresentação às páginas finais. Assim como no livro para o alfabetizando, encerra com a foto do Presidente Agostinho Neto. A disposição do sumário inicia com as “Palavras ao alfabetizador”, um texto epistolar dirigido ao “Camarada alfabetizador”, afirmando o compromisso do MPLA e do Governo da República Popular de Angola de acabar com o analfabetismo em um país com mais de 90% de analfabetos.

Usando o mesmo discurso revolucionário disposto em pequenas frases das lições e textos de leitura do *Manual de Alfabetização*, o *Guia* enfatiza o lugar do alfabetizador nessa luta contra o analfabetismo. O analfabetismo foi apresentado como consequência do colonialismo e do imperialismo, e o ensino de leitura e escrita tornava-se patente para uma “reconstrução nacional”. Com um tom emotivo e apelativo, conclama o alfabetizador: “ajudando os outros camaradas a ler e a escrever, tu estás a prestar uma grande contribuição à Revolução Nacional e ao Povo de Angola” (MEC/RPA, s.d., p. 4).

As afinidades entre o pensamento freireano e a proposta apresentada no *Guia* são muito estreitas e podem ser demarcadas com o lugar que o colonizador/imperialismo ocupa num país, dificultando/inibindo/impedindo o acesso do povo a um mínimo de instrução. Freire (1987) usa os termos opressor e oprimido para nos dizer sobre essa mesma luta que os angolanos estavam enfrentando para combater o analfabetismo, fenômeno este tão bem conhecido por ele e ainda por todos nós, brasileiros.

Notamos que na obra há um princípio matricial do processo educativo pensado para a alfabetização dos adultos em Angola, expresso na ideia de que, ao mesmo tempo em que os alfabetizadores ensinam, eles aprenderão com os “companheiros” que alfabetizam. Nessa direção, o *Guia do Alfabetizador* apresenta um item, intitulado de “Recomendações Gerais”, afirmando

que formam, alfabetizador e alfabetizando, um só grupo a serviço da revolução, e aquele que sabe ler e escrever vai cumprir com sua tarefa de ensinar. Interessante observar que fica explícito que não se trata de um ser o professor e o outro, o aluno. Ambos são “camaradas”, razão pela qual devem manter as relações de igualdade, de respeito, de diálogo, de trabalho coletivo. Essas recomendações se aproximam muito da síntese que Paulo Freire (1996) apresenta em seu livro *Pedagogia da Autonomia*.

As semelhanças expressas entre as “Recomendações Gerais” do *Guia do Alfabetizador* e os “saberes necessários à prática educativa”, defendidos por Freire (1996) em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, são imensas. Poderíamos analisar cada uma dessas recomendações em diálogo com todos os saberes que Freire apresentou nos três capítulos de seu livro, o que não caberia na extensão deste artigo. Optamos por produzir uma síntese comparativa em um quadro, para melhor visualizar as semelhanças e as afinidades entre a proposta do *Guia do Alfabetizador* e o ideário freireano.

Quadro 1 – Aproximações entre as recomendações gerais expressas na obra *A vitória é certa, Guia do Alfabetizador* (MEC/RPA, s.d.) e os “saberes necessários à prática educativa”, da *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 1996)

“Recomendações gerais” do <i>Guia do Alfabetizador</i>	<i>Pedagogia da Autonomia</i>
“Tu e os camaradas analfabetos formam um grupo ao serviço da revolução – tu és apenas alguém que teve possibilidade, por várias razões, de aprender o que os teus companheiros não aprenderam, e que, neste momento, cumpres a tua tarefa revolucionária de o comunicar aos outros, tu não és um professor nem teus camaradas são alunos.” (p. 5).	Ensinar exige comprometimento; Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica; Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível; Ensinar exige querer bem aos educandos; Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos; Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando.
“Deves manter relações de camaradagem, de igualdade, de respeito mútuo, para com os teus companheiros analfabetos. Deves pensar que não lhes estás a fazer um favor pessoal, mas que, tu e eles, todos estão cumprindo um dever: o de ensinar e o de aprender.” (p. 5).	Ensinar exige querer bem aos educandos; Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos; Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando; Ensinar exige consciência do inacabamento.
“Deves constantemente interessar-te pelos seus problemas, pelo seu trabalho e pela sua vida.” (p. 5).	Ensinar exige saber escutar; Ensinar exige disponibilidade para o diálogo; Ensinar exige generosidade.
“Nunca dê ordens durante a lição, nem percas a paciência.” (p. 6).	Ensinar exige liberdade e autoridade; Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando; Ensinar exige saber escutar.
“Nunca esqueças que o trabalho no grupo de alfabetização é coletivo”. (p. 6).	Ensinar exige tomada consciente de decisões; Ensinar exige aceitação do novo; Ensinar exige querer bem aos educandos.
“Sempre que sintas que os camaradas estão cansados faz uma pausa, conversa com eles e estimula-os [...]”. (p. 6).	Ensinar exige humildade; Ensinar exige tolerância;

	Ensinar exige luta em defesa dos direitos dos educadores; Ensinar exige tomada consciente de decisões.
“Não esqueças que tu aprendes tanto dos camaradas quanto eles aprendem de ti.” (p. 6).	Ensinar exige humildade; Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.
“Evita todo e qualquer acto da parte dos camaradas que possa envergonhar ou ferir um outro camarada menos dotado. Só assim poderá haver um bom espírito de camaradagem dentro do grupo.” (p. 6).	Ensinar exige risco; Ensinar exige aceitação do novo; Ensinar exige rejeição a qualquer forma de discriminação.
“Tanto quanto possível, sobretudo nas primeiras lições, faz-te passar despercebido no meio do grupo, para que todos dêem livremente as suas opiniões.” (p. 6).	Ensinar exige saber escutar; Ensinar exige rejeição a qualquer forma de discriminação; Ensinar exige humildade.
“Antes de dares cada lição, estuda-a atentamente, servindo-te das explicações contidas neste guia.” (p. 6).	Ensinar exige competência profissional; Ensinar exige rigorosidade metódica; Ensinar exige pesquisa; Ensinar exige segurança.
“Faz saber aos alfabetizandos a importância que tem para eles, e para ti, a pontualidade e assiduidade a todas as lições.” (p. 6).	Ensinar exige comprometimento; Ensinar exige luta em defesa dos direitos dos educadores; Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica; Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Além das recomendações, são detalhadas as orientações metodológicas, quanto ao tempo dos itens de cada lição, o cuidado para passá-la, seguindo somente após o seu término. O foco da aprendizagem está centrado na leitura e na escrita e não nos conhecimentos matemáticos. O *Guia* traz minuciosamente as orientações para o alfabetizador introduzir e problematizar as lições, iniciando o debate das fotos, que deveriam ser discutidas por todos, e ampliando com os conhecimentos de outras áreas de conhecimento – geografia, história, cultura. Para cada lição há uma temática e o *Guia* traz um texto complementar para uso e conhecimento do alfabetizador sobre o assunto, bem como para compreensão da foto problematizadora, que principia todas as lições. Ou seja, cada uma das 33 lições é considerada como um tema, e os textos que acompanham cada uma das lições transformam-se em um texto informativo, com abordagens históricas sobre a Revolução e, ao mesmo tempo, incentiva e explicita a função do alfabetizador, naquele momento do contexto angolano. Ao ler e analisar cada um dos textos – com maior extensão se comparados às lições – observamos que seus conteúdos variam entre o contexto histórico, econômico, político, ideológico do país e suas relações, uma ou outra amistosa, com o colonizador e demais países capitalistas.

O *Guia* reproduz todas as lições do livro do alfabetizando – *Manual de Alfabetização* –, explicitando também minuciosas orientações sobre como introduzir e explorar as seções de cada uma delas. Quanto ao método de alfabetização, a ênfase estava na decomposição de palavras-chave em sílabas e, a partir dessas, ressaltava-se uma determinada família silábica, compondo “novas palavras com os sons já conhecidos” (MEC/RPA, s.d., p. 10).

Está presente em todas as orientações e lições, mais explicitada no *Guia*, a forte presença ideológica da luta revolucionária a favor de uma Angola independente do colonialismo e do imperialismo, que ainda persistia no país pós-independência. Era necessário continuar a luta contra a exploração portuguesa e do capitalismo, pois havia no país movimentos contrários à independência e ao MPLA.

Na análise empreendida do conjunto das obras da coleção *A vitória é certa*, ficou evidente a presença do ideário de Paulo Freire, a qual se consolidou logo após a independência. As leituras propostas no *Manual de Alfabetização* expressam bem as afinidades com que Freire defendia o aprendizado da leitura e escrita numa perspectiva conscientizadora e emancipatória, e, no caso de Angola, assim como nos países africanos pós-independência, havia a necessidade de unir o povo para combater o inimigo e apoderar-se do território. Nas três primeiras lições, os alfabetizandos já aprendiam a ler, com o auxílio do alfabetizador, que induzia à repetição em coro: “Angola é a nossa terra”, e para que de fato pudessem sentir-se donos da terra, insistiam que “o povo está unido” e “o povo unido luta” (MEC/RPA, 1980).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos manuais dirigidos ao alfabetizando e ao alfabetizador da coletânea *A vitória é certa*, em diálogo com os documentos inventariados neste artigo e as pesquisas relacionadas ao tema em questão, proporcionou reflexões sobre a presença e a influência dos ideários freireanos na história do ensino de leitura e escrita em Angola. Desde os anos de 1960, houve um movimento em torno de uma alfabetização de adultos angolanos e de uma produção de manuais descolonizados e descolados do viés português.

Os documentos do CEA e do MPLA relacionados aqui, antecedentes à independência e já no pós-independência de Angola (em 1975), demonstraram as preocupações e objetivos direcionados a uma alfabetização conscientizadora e emancipatória. Nesse ponto, notamos que essa proposta de alfabetização, também defendida por Paulo Freire, atravessou o Oceano Atlântico, alçou voos em Angola, concomitante ao movimento que ocorria no Brasil, no início da década de 60, no interior do sertão pernambucano. Ideias freireanas se fortaleceram com a atuação de Paulo Freire, assessorando o Ministério de Educação de Angola, em 1976, em parceria com o escritor e o Vice-Ministro, Pepetela.

O processo de independência de Angola foi longo, quatorze anos, até a vitória do MPLA e de Agostinho Neto assumir como primeiro Presidente da República Popular do país. Em meio a tantos problemas de resistência, econômicos e sociais, para reconstrução da nação, estava posta a necessidade urgente da alfabetização do povo angolano, sem o viés ideológico português, e o fortalecimento da continuidade da luta pela total independência. A educação e a alfabetização foram tomadas como ferramentas fortes e libertadoras das amarras do colonialismo, até então dominante no país. Nas palavras de Agostinho Neto:

E quando o Comité Central disse que aprender é um dever revolucionário, é exactamente assim, é que nós não fazemos a revolução sem concretizar a cada passo as ideias que nós temos para o desenvolvimento da nossa revolução. (AGOSTINHO NETO, 1976).

Para o(a) leitor(a) desse artigo, pode parecer que a influência freireana difere-se de um manual estruturado e metodologicamente definido, tal como está em *A vitória é certa*, uma vez que Freire defendia uma proposta produzida coletivamente no diálogo e no cotidiano com a comunidade. Entretanto, esses aspectos não passaram despercebidos para as lideranças do CEA e do MPLA, que justificaram essa postura diante da urgência de alfabetizar, ainda que fosse na língua do colonizador (CEA, 13 de fevereiro de 1969; 02 de maio de 1969). O país vivia, de um lado, incertezas, movimentos rebeldes, contrários ao MPLA, a diversidade linguística entre os povos, sem uma ortografia unificada que pudesse ser discutida e definida como uma única língua nativa angolana, e, de outro, a urgência por uma alfabetização que pudesse viabilizar os direitos sociais e políticos da população.

Por fim, conhecer, compreender e analisar a coletânea dirigida à alfabetização de angolanos, em *A vitória é certa*, possibilitou-nos enxergar uma outra faceta das pesquisas sobre os manuais escolares e da história da alfabetização. Essa publicação não era uma produção comercial, com autoria definida e com fins lucrativos. A coletânea foi produzida e utilizada no período revolucionário de independência de Angola e traz especificidades que diferem de uma produção comercial. A análise dessa coletânea vem confirmar os desafios presentes na atualidade para a alfabetização de jovens e adultos e, maior ainda, em uma perspectiva freireana. Não é necessário atravessar o Atlântico para constatar esse fenômeno. Assim como em Angola, nas décadas de 1960-70, nós, aqui no Brasil, precisamos abaixar os altos índices de analfabetismo e continuar a luta a favor de uma alfabetização inclusiva, digna, emancipatória e freireana para todos e todas! “Abaixo o analfabetismo! A Luta Continua! A Vitória é Certa!” (MEC/RPA, s.d., p. 4).

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO NETO, António. **Discurso proferido pelo Camarada Presidente Dr. António Agostinho Neto, aos Camaradas da Textang, em 22 de Novembro de 1976, que originou o Dia do Educador – Lançamento da Campanha de alfabetização.** 1976. Disponível em: <<https://www.novacultura.info/post/2022/03/11/lancamento-da-campanha-de-alfabetizacao>>. Acesso em: outubro de 2022.

ALFABETIZAÇÃO. 03 de janeiro de 1973. Disponível em: <<https://www.tchiweka.org/documento-textual/0256000004>>. Acesso em: outubro de 2022.

BERTOLETTI, Estela Mantovani; SILVA, Márcia Cabral da. Cultura escrita na escola primária: a circulação de livros didáticos para ensino de leitura (1928-1961). **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 16, n. 1 (40), p. 373-403, 2016.

BONIFÁCIO, Maria Iracilda Gomes Cavalcante. A Vitória é Certa: perspectivas histórico-discursivas de “nação”, “produção”, “língua” e “homem novo” no “Manual de Alfabetização” e “Guia do Alfabetizador” angolanos (1980). **Revista África[s]**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Representações da África, Bahia, v. 7, p. 128-152, 2020.

CARDOSO, Cancionila Janzkovski; AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros; RODRIGUES, Sílvia de Fátima Pilegi; BERTOLDO, Sandra Regina Franciscatto (Orgs.). **História(s) de alfabetização, leitura e escrita: concepções, práticas e materialidades.** 1ªed.Rondonópolis: EdUFR, 2022.

CAVALCANTI, Mabel Solange de Figuerêdo. Pedagogia do oprimido: educação e cidadania nas andarilhagens dos caminhos Brasil /Portugal. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n.º 19, v. 63, p. 151-161, 2022.

CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS, CEA. **Carta do Centro de Estudos Angolanos ao Comité Director do MPLA, sobre Manual de Alfabetização**. 13 de fevereiro de 1969. Disponível em: <<https://www.tchiweka.org/documento-textual/0110000016>>. Acesso em: outubro de 2022.

CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS, CEA. **Carta do Centro de Estudos Angolanos ao Comité Director do MPLA, sobre Manual de Alfabetização**. 13 de fevereiro de 1969. Disponível em: <<https://www.tchiweka.org/documento-textual/0110000016>>. Acesso em: outubro de 2022.

CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS, CEA. **Carta do Centro de Estudos Angolanos a Rui de Sá “Dibala” (D/17/69, Argel), sobre manuais de alfabetização e guias de alfabetizador**. 02 de maio de 1969. Disponível em: <<https://www.tchiweka.org/documento-textual/0151002024>>. Acesso em: outubro de 2022.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, n. 30 (3), p. 549-566, setembro/dezembro de 2004.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. O Livro Escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. **Cadernos do CEDES (UNICAMP)**, Campinas, v. 52, p. 11-24, 2000.

FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. A Campanha Nacional de Alfabetização e a construção do estado em Angola, 1975-1980. **Revista de História**, São Paulo, n. 181, p. 1-34, 2022.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira (Orgs.). **História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)**. Belo Horizonte: CEALE, 2006.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; SCHWARTZ, Cleonara Maria; PERES, Eliane Teresinha (Orgs.). **Estudos de história da alfabetização e da leitura na escola**. Vitória: EDUFES, 2010.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Proposta de Paulo Freire para a alfabetização. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (Orgs.). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG, 2014.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; GOULART, Ilsa do Carmo Vieira; ROCHA, Juliano Guerra. Os manuais para uso das cartilhas na história da formação das alfabetizadoras no Brasil. In: MACIEL, Francisca Izabel Pereira; SANTOS, Sônia Maria dos; ROCHA, Juliano Guerra

(Orgs.). **História de alfabetizadoras em Minas Gerais**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

MELO, José Joaquim Pereira; AMARAL; Roseli Gall do; COLOMBO, Dayane. Protagonismo e processos formativos: um estudo de caso da alfabetização em Cuba (1961). Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp., Salvador, v. 31, n. 68, p. 277-293, out./dez. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA. **A vitória é certa**: Manual de alfabetização. 1980. Disponível em: <<http://memoria-africa.ua.pt/Library/LivrosEscolaresPos Coloniais.aspx>>. Acesso em: outubro em 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA DA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA. **A vitória é certa**: Guia do Alfabetizador. S. d. Disponível em: <<http://memoria-africa.ua.pt/Library/LivrosEscolaresPos Coloniais.aspx>>. Acesso em: outubro em 2022.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Orgs.). **História do ensino de leitura e escrita**: métodos e material didático. São Paulo; Marília: Editora UNESP; Oficina Universitária, 2014.

PEPETELA. **A história angolana recontada**. Entrevista por Bruno Mazzoco. 2015. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/929/a-historia-angolana-recontada>>. Acesso em: dezembro de 2022.

SANTOS, Sônia Maria dos; ROCHA, Juliano Guerra (Orgs.). **História da alfabetização e suas fontes**. Uberlândia: Edufu – Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

Recebido em: 17/02/2023

Aceito em: 23/02/2023